



TRADUÇÃO: STOCKDALE SOBRE O ESTOICISMO II: MESTRE DO MEU DESTINO - UM FILÓSOFO ESTOICO NUMA PRISÃO EM HANÓI¹

James Bond Stockdale

Tradução: Valter Duarte – Doutorando (UERJ)

Quando eu debati com Al Gore e Dan Quayle, na televisão, em Outubro de 1992, como candidatos para vice-presidente, iniciei minhas notas com duas questões que são perenemente debatidas por todo ser humano ao pensar: Quem sou eu? Por que estou aqui? As questões foram relevantes em termos do propósito da noite, que foi me introduzir e deixar o povo americano saber de onde eu tinha vindo. Mas eu também as escolhi por sua ampla relevância em minha vida: Eu sou um filósofo.

Eu ingressei na vida filosófica como um piloto da marinha de trinta e oito anos de idade, quando cursava a graduação da universidade de Stanford. Estive na marinha por vinte anos e raramente fora de uma cabine de piloto de caça. Em 1962, comecei meu segundo ano de estudo de relações internacionais. Assim, pude me tornar um estrategista no Pentágono. Mas meu coração não estava lá. Então, eu cruzei pelos lados do corredor de filosofia de Stanford numa manhã de inverno e encontrei Philip Rhineland, decano de Ciências e Humanidades, que ensinava Filosofia VI, *Os Problemas do Bem e do Mal*. Em 15 minutos, concordamos que eu entraria no meio do seu curso de dois períodos. Para consertar minha falta de base, eu o encontraria durante uma hora por semana para aulas particulares em sua casa no campus. Phil Rhineland abriu meus olhos. Nesse estudo, tudo aconteceu para minha inspiração, minha dedicação para a vida filosófica. A partir daquele momento eu saí de relações internacionais e entrei em filosofia. Começamos a trabalhar de Sócrates a Aristóteles e a Descartes. E

¹ Publicado originalmente na revista *The world and I*, em maio de 1995.

seguimos então para Kant, Hume, Dostoievsky, Camus. Na minha última aula, ele alcançou lá no alto de sua estante de livros uma cópia do *Encheiridion*. Ele disse: “Acho que se interessará por esse”.

Epicteto e o Encheiridion

Encheiridion significa *pronto à mão*. Em outras palavras, é um manual. Seu autor, Epicteto, foi um homem de inteligência e sensibilidade muito incomuns que adquiriu sabedoria apesar de ter sido cedo exposto em primeira mão à extrema crueldade, ao abuso de poder, e ao deboche autoindulgente.

Epicteto nasceu escravo por volta de 50 d.C. Aos quinze anos de idade foi vendido num mercado de escravos em Roma a Epafrodito, um secretário do imperador Nero. Quando Epafrodito ajudou Nero a completar sua tentativa de suicídio, Epicteto foi capaz de se aventurar sozinho.

O Guerreiro Estoico

Sendo um jovem sério e, sem dúvida, revoltado, ele gravitou para as magnânimas aulas públicas dos professores estoicos que eram, então, os filósofos de Roma. Epicteto eventualmente tornou-se aprendiz do maior filósofo estoico do Império, Musônio Rufo. Após dez ou mais anos de estudo, ele alcançou o status de filósofo por seu próprio direito. Com isso veio a liberdade, e a preciosidade disso foi devidamente celebrada pelo antes escravo. Em seus trabalhos, a liberdade individual é exaltada quase sete vezes mais frequentemente do que no *Novo Testamento*. Os estoicos sustentaram que todos os seres humanos eram iguais aos olhos de Deus: homem e mulher, preto e branco, escravo e pessoas livres. Epicteto fala como uma pessoa moderna, usando o “discurso vivo”, não o grego ático literário que estamos acostumados a ouvir de homens que falavam daquela língua. O *Encheiridion* não foi realmente escrito por Epicteto, que era acima de tudo um professor determinado e um homem de modéstia que nunca teria tomado seu tempo para transcrever as próprias aulas, mas por um de seus mais meticulosos e determinados alunos, Arriano, que, com o consentimento de Epicteto, transcreveu suas palavras. Arriano uniu as aulas em livros; nos dois anos que esteve matriculado na escola de Epicteto, ele completou oito livros. Arriano recompôs o

Encheirídion como extrações destacadas “para o homem ocupado.” Naquela última manhã, disse-me Rhineland: “Como um militar, eu acho que você terá um interesse especial por isso. Frederico o Grande nunca saiu em campanha sem uma cópia desse manual em seu kit”.

O estoicismo é uma filosofia nobre que provou ser mais praticável do que o que um cínico moderno poderia esperar. O ponto de vista estoico é frequentemente mal entendido porque o leitor comum perde o ponto em que toda é dito em referência à “vida interior.” Os Estoicos fazem parecer pouco importante a dor física, mas isso não é fanfarronice. Eles estão falando disso em comparação à agonia devastadora da vergonha que eles concebem que homens bons experimentam quando sabem em seus corações que falharam ao cumprir seu dever diante de seus companheiros ou de Deus. Embora pagãos, os estoicos tiveram uma religião natural monoteísta e contribuíram grandemente para o pensamento cristão. A paternidade de Deus e a irmandade dos homens foram os conceitos estoicos principais para o cristianismo. De fato, Crisipo, um de seus primeiros teóricos, fez a analogia do que pode ser chamado a alma do universo com a aspiração de um ser humano (*pneuma*, em Grego). São Paulo, um judeu helenizado, nascido em Tarso, uma cidade estoica na Ásia Menor, sempre usou a palavra *pneuma*, ou aspiração, para a alma.

A exigência estoica de um pensamento disciplinado conquistou apenas uma pequena minoria para seus padrões, mas esses poucos foram os personagens mais fortes daquela época. Em teoria uma doutrina do perfeccionismo sem piedade, o estoicismo realmente criou homens de coragem, santidade e boa vontade. Rhineland destacou três exemplos: Catão, o jovem, o imperador Marcos Aurélio e Epicteto. Catão foi o grande republicano romano que se opôs a Júlio César. Ele foi o inequívoco herói do nosso George Washington; acadêmicos encontram citações de Catão nas cartas de adeus de Washington, sem sinais de citação. O imperador Marco Aurélio levou o Império Romano ao cume de seu poder e influência. E Epicteto, o grande professor, fez sua parte em mudar a liderança de Roma do excesso que ela conheceu sob o poder de Nero para o poder e a decência que ela conheceu sob o poder de Marco Aurélio.

Epicteto deu suas aulas ao mesmo tipo de audiência que Sócrates 500 anos antes, jovens aristocratas destinados às carreiras nas finanças, nas artes e no serviço público. As melhores famílias enviaram seus filhos em meados de seus 20 anos para serem ensinados sobre em que consistia a boa vida, para descartarem a ideia de que eles mereciam se tornar *playboys*, e para serem ensinados que sua função era servir a seus

companheiros. Epicteto explicou que seu currículo não era sobre *proventos ou rendimentos, ou paz ou guerra, mas sobre felicidade e infelicidade, sucesso e falha, escravidão e liberdade*. Seu aluno graduado modelo não era uma pessoa:

Capaz de falar fluentemente sobre os princípios filosóficos como um tagarela inútil, mas sobre coisas que irão deixá-lo forte se seu filho morrer, ou se você deve morrer ou ser torturado [...] Que outros pratiquem as ações judiciais, outros estudem problemas, outros, silogismos; aqui você pratica como morrer, como ser acorrentado, como ser torturado, como ser exilado.

Um homem é responsável por seus próprios *juízos, mesmo nos sonhos, na embriaguez e na loucura da melancolia*. Cada indivíduo traz seu próprio bem e seu próprio mal, sua boa fortuna, sua má fortuna, sua felicidade e sua infelicidade. É impensável que o erro de um homem possa causar o sofrimento de outro homem; o sofrimento, como todo o resto, é um remorso interno que te destrói. Epicteto estava dizendo aos seus alunos que não pode haver tal coisa como ser “vítima” de outrem. Você pode ser “vítima” apenas de si mesmo. Está tudo em como você disciplina sua mente. Quem é teu mestre?

Aquele que tem autoridade sobre qualquer uma das coisas nas quais você pôs em seu coração [...] Qual é o resultado ao qual toda virtude se dirige? Serenidade [...] Mostra-me um homem que, embora esteja doente, seja feliz, que, embora esteja em perigo, seja feliz, que, embora na prisão, seja feliz e mostrar-te-ei um estoico.

Comandante da Primeira Esquadra

Quando me graduei, Sybil e eu pegamos nossos quatro filhos e pertences e rumamos para o sul da Califórnia. Nosso novo lar era para ser no Coronado. Eu estava a ponto de tomar o comando do esquadrão de combate 51, que utiliza cruzadores supersônicos F-8, em Miramar e no mar a bordo de porta-aviões. Eu fui capturado exatamente três anos depois que saímos da Colina Los Altos.

Eu não fui nenhum devorador de livros durante todos aqueles três anos anteriores antes de ser derrubado; na maior parte do tempo, eu estava ocupado no mar do Pacífico Oriental. Estive no mar em três cruzeiros de sete meses, todos focados nos preparos e nas explosões da guerra no sudeste da Ásia. Estive no comando durante a

última incursão como comandante de esquadrilha no Oriskani. Lancei as primeiras bombas da guerra no Vietnã do Norte e voei em mais de cem missões de fogo antiaéreo.

Mas eu era um homem mudado e melhor por minha introdução à filosofia, especialmente por Epicteto. Eu trilhava um caminho diferente, certamente não uma via antimilitarista, mas, em alguma medida, uma via anti-organizacional. Contra o pano de fundo de todas as poses e trapalhadas dos tempos de paz que as organizações militares parecem ter de atravessar, de modo a aceitar a necessidade de um elegante e conscientemente altruísta improvisado sob pressão, para quebrar procedimentos padronizados, exige-se um caráter reflexivo, na medida em que se estabelece um novo modo de operar. Eu tinha me tornado um homem imparcial – não indiferente, mas imparcial – capaz de lançar fora o livro de regras sem a menor excitação quando ele não mais fizesse frente às circunstâncias externas. Fui capaz de colocar oficiais jovens acima dos mais velhos, sem embaraço, quando seus instintos para os tempos de guerra eram mais confiáveis. Esse novo desapego, essa nova flexibilidade que eu havia ganhado me foi cobrada mais tarde, na prisão.

Minha cabeceira não estava ocupada por livros de trabalho para impressionar meu chefe, mas sim por minhas leituras estoicas: as *Diatribes de Epicteto*, as *Memoráveis* de Xenofonte, as coletâneas de Sócrates, e, claro, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Epicteto esperava que seus alunos estivessem familiarizados com as obras de Homero.

Os Estoicos foram os derradeiros guerreiros. Os estoicos romanos cunharam a fórmula *Vivere Militare!* – *viver é ser um soldado*. Epicteto disse nas *Diatribes*:

Não sabes que a vida é um serviço militar? Um deve montar guarda, outro deve sair em patrulha de reconhecimento, outro, entrar em campanha. Se negligenciare as tuas responsabilidades quando alguma ordem severa recair sobre ti, não percebes a qual condição miserável levarás o exército na medida em que estiveres nele?

No *Encheiridion*:

Lembra que és um ator de uma peça teatral, tal como o quer o autor <da peça>. Se ele a quiser breve, breve será. Se ele a quiser longa, longa será. Se ele quiser que interpretes o papel de mendigo, é para que interpretes esse papel com talento. <E, da mesma forma,> se <ele quiser que interpretes o papel> de coxo, de magistrado, de homem comum. Pois isto é teu: interpretar belamente o papel que te é dado – mas escolhê-lo, cabe a outro².

² Epict. *Ench.* 27.

Nas *Diatribes*:

Cada um de nós, escravo ou homem livre, veio a este mundo com concepções inatas sobre o que é bom e mal, nobre e vergonhoso, decente e indecente, felicidade e infelicidade, apropriado e inapropriado [...] Se considerares a ti mesmo como um homem e como parte de um todo, será apropriado para ti que ora estejas doente, ora viajes e corra riscos, ora passe necessidade, e que oportunamente morras antes de tua hora. Por que, então, te atormentas? Querias que algum outro estivesse doente e com febre agora, que algum outro viajasse, que algum outro morresse? Pois é impossível, num corpo como o nosso, isto é, neste universo que nos envolve, entre estas criaturas que nos acompanham, que tais coisas não aconteçam, umas a um homem, outras a outro.

Tornando-me um Prisioneiro

Em nove de setembro de 1965, voei a quinhentos nós direto para uma armadilha de fogo antiaéreo, no nível do topo das árvores, em um pequeno avião A4 que repentinamente eu não podia mais controlar porque se rompera em chamas, seu sistema de controle fora alvejado. Eu tinha cerca de trinta segundos para fazer minha última declaração em liberdade, antes de cair na rua principal de uma pequena aldeia à frente. *Que me resgatem então*, murmurei para mim mesmo: *Cinco anos aqui, pelo menos. Estou deixando o mundo da tecnologia e entrando no mundo de Epicteto.*

Do *Encheiridion*, quando fui ejetado daquela aeronave, tinha *pronta à mão* a compreensão de que um Estoico sempre mantinha arquivos separados em sua mente para aquelas coisas que *dependem dele*, e aquelas coisas que *não dependem dele*. Outra maneira de dizer isto é aquelas coisas que *estão sob seu controle* e, as que *estão além de seu controle*. Sob meu controle e à minha mercê estão minhas opiniões, meus objetivos, minhas aversões, minha própria aflição, minha própria alegria, minha atitude sobre o que está acontecendo, meu próprio bem e meu próprio mal.

Para explicar por que *seu próprio bem e seu próprio mal* estão nessa lista, cito Alexandre Solzhenitsyn, *Arquipélago Gulag*: “Gradualmente manifestou-se para mim que a linha que separa o bem do mal não passa entre estados, nem entre classes, nem entre partidos políticos, mas diretamente através de todos os corações humanos”.

Muito tempo antes de ler Solzhenitsyn eu compreendi que bem e mal não são abstrações – os únicos bens e males que significam algo estão no seu coração. Mas uma

descoberta maior é a de sua própria fragilidade; que você pode ser reduzido, como eu fui, de um líder de mais de cem pilotos e de mil homens à *tortura das cordas* em questão de minutos. Esse é um exemplo de não ter controle sobre seu posto na vida.

Todos têm que jogar o jogo da vida. Você não pode simplesmente caminhar por aí dizendo, *não dou a mínima para a saúde, a riqueza ou se fui enviado para prisão ou não*. Epicteto diz que todo mundo deve jogar o jogo da vida – que o melhor a jogue com *habilidade, forma, velocidade e graça*. Na maioria dos jogos, você o joga com uma bola. Seu time devota toda energia para fazê-la atravessar a linha de fundo. Mas, depois do jogo, o que você faz com ela? Ninguém se importa. Não vale à pena se importar com ela. A competição, o jogo, era o que importava. A bola foi “usada” para tornar o jogo possível, mas em si mesma não tem valor algum que justifique brandir uma espada por ela.

A analogia da bola do jogo, a propósito, são citações quase verbatim das explicações de Epicteto a seus alunos em Nicópolis, há dois mil anos.

Minha Missão na Prisão

Então levei esses pensamentos essenciais para a prisão; lembrei também de várias observações que modelam a atitude. Aqui está Epicteto, ensinando a ficar longe do anzol: “O senhor de cada um é quem possui o poder de conservar ou afastar as coisas desejadas ou não desejadas por cada um. Então, quem quer que deseje ser livre, nem queira, nem evite o que dependa de outros. Senão, necessariamente será escravo”³. E eis o porquê de nunca implorar: “Pois é melhor morrer de fome, sem aflição e sem medo, que viver inquieto na opulência”⁴. Suplicar demanda negociações, tratos, acordos, retaliações, rinhas. Se você quiser estar livre do *medo e culpa*, e estes são os torniquetes cruciais, os reais destruidores em longo prazo da vontade, você tem de se livrar de todos os seus instintos de estabelecer compromissos, de encontrar-se com os outros a meio-caminho. Você tem que aprender a manter-se reservado, nunca dar margem para acordos, nunca se nivelar a seus adversários. Você tem de se tornar o que Ivan Denisovich chamou de um *prisioneiro enjaulado movendo-se lentamente*.

Tudo isso, ao longo dos três anos anteriores, eu tinha sem saber guardado para o futuro. Então, quando saltei de paraquedas do A-4, depois do linchamento e do

³ Epict. *Ench.* 24b.

⁴ Epict. *Ench.* 12.

espancamento acabarem (durou dois ou três minutos até que um homem com um capacete escuro chegou e soprou seu apito policial), eu estava com a perna gravemente quebrada de tal modo que tinha certeza que carregaria sequelas disso por toda minha vida. Meu pressentimento acabou se mostrando verdadeiro. Mais tarde senti algum alívio – mínimo – a partir de uma advertência de Epicteto da qual me recordei: “Claudicar é entrave para as pernas, mas não para a escolha. Diz isso para cada uma das coisas que sucedem contigo, e descobrirás que o entrave é próprio de outra coisa e não teu.”⁵.

Então, na prisão, tornei-me um homem com uma missão. Para explicar isso, permitam-me descarregar uma pequena bagagem emocional que foi parte do legado de minha geração de militares em 1965.

Em consequência da guerra da Coréia, apenas dez anos antes, todos nós tínhamos recordações de ler e ver sobre notícias televisivas matutinas do governo norte-americano a respeito da conduta de alguns prisioneiros de guerra norte-americanos na Coréia do Norte e na China Continental. O sentido principal disso foi que nos campos prisionais para norte-americanos, era cada homem por si. Desde aqueles dias, tenho conhecido oficiais que foram prisioneiros nessa guerra, e agora vejo muitas dessas reportagens como seleção de relatos e conversa fiada. Contudo, houve casos de jovens soldados que foram confundidos pelas circunstâncias, amedrontados até a morte, em clima frio, tratando uns aos outros como cães lutando por restos, atirando-se uns aos outros na neve para morrer, e ninguém fazendo nada a respeito.

Isto não podia continuar, e o presidente Eisenhower nomeou uma comissão para citar o texto do código de conduta dos combatentes americanos. Ele foi escrito na forma de compromisso pessoal. Artigo 4:

Se eu tornar-me um prisioneiro de guerra, serei leal aos meus colegas prisioneiros. Não darei informações nem tomarei parte em qualquer ação que seja prejudicial aos meus camaradas. Se eu for o mais antigo, ficarei no comando. Se não, obedecerei às ordens do meu superior em todos os sentidos.

Em outras palavras, a partir do momento em que Eisenhower assinou o documento, os prisioneiros de guerra norte-americanos nunca mais puderam escapar das linhas de comando; a guerra continua por trás das grades. Como um interno, eu sabia de tudo que se passava – que os norte-vietnamitas já mantinham cerca de vinte e cinco

⁵ Epict. *Ench.* 9.

prisioneiros, provavelmente em Hanói, que fui o único comandante aéreo que sobreviveu a uma ejeção, que eu seria o mais antigo, seu oficial-comandante, e que permaneceria assim, muito provavelmente, por toda essa guerra, que eu tinha certeza que duraria pelo menos outros cinco anos. E ali estava eu, começando estropeado e atirado ao chão.

Epicteto mostrou-se correto. Tudo que foi dito foi apenas um revés temporário em relação às coisas que eram importantes para mim, e ser destacado para desempenhar o papel de soberano de uma colônia norte-americana expatriada que fora destinada a permanecer autônoma, sem comunicação com Washington por anos a fio era importante para mim. Eu estava determinado a *desempenhar bem o papel dado*.

A palavra-chave para todos nós era “fragilidade”. Cada um de nós, nunca antes a tão grande distância de outro americano, era feito agora para ser *torturado nas cordas*. Isso foi um verdadeiro choque para as nossas mentes – e, como todo o choque, seu impacto em nosso próprio íntimo foi muito mais impressionante e duradouro do que nossos torsos e membros. Essas eram as sessões nas quais éramos levados à submissão e nas quais nos faziam deixar escapar insípidas confissões de culpa e cumplicidade norte-americana em antigos gravadores; e então, éramos colocados no que eu chamava *banho frio*, seis ou oito semanas de total isolamento para *contemplarmos nossos crimes*. O que nós contemplávamos, na realidade, era o que mesmo o americano mais acomodado veria como uma traição a si mesmo e a tudo o mais que significasse algo para ele. Foi lá que aprendi o que *dano Estoico* queria dizer. Um ombro quebrado, um osso quebrado em minhas costas, uma perna quebrada por duas vezes, eram bagatelas em comparação a isso. Epicteto disse: “Não busques um dano pior do que este: destruir o homem leal, que respeita a si próprio e que se comporta com dignidade que há dentro de você”.

Quando postos em celas comuns, dificilmente um norte-americano vindo dessa experiência deixava de responder ao primeiro murmúrio do prisioneiro da cela ao lado algo como o seguinte: “Você não quer falar comigo; sou um traidor”. E, porque estávamos igualmente fragilizados, parecia ser de praxe que todos respondêssemos alguma coisa como o seguinte: “Escute, amigo, não há virgens aqui. Você deveria ter ouvido o tipo de declaração que fiz. Deixe isso pra lá! Estamos todos juntos nisso. Qual seu nome? Fale-me sobre você”. Ouvir isso era, para a maioria dos novos prisioneiros que acabavam de sair da agitação inicial e do *banho frio*, um ponto de virada em suas vidas.

Uma Sociedade de Prisioneiros

Nós organizamos uma sociedade clandestina através de batidas na parede que serviam de código – uma sociedade com nossas próprias leis, tradições, costumes, até mesmo heróis. Para explicar como pudemos ordenar uns aos outros para mais torturas, ordenar uns aos outros a se recusar a seguir certas ordens, intencionalmente provocar nossos carcereiros a provarem que não estavam blefando e a repetirem o processo descrito acima, citarei uma declaração que poderia ter vindo de pelo menos metade desses excelentes e competitivos jovens pilotos com os quais me encontrei trancafiado:

Estamos num lugar onde nunca estivemos antes. Mas merecemos manter nossa dignidade e nos sentirmos contra-atacando. Não podemos nos negar a fazer cada coisa degradante que eles nos exigem, mas depende de você, chefe, escolher coisas que todos nós devemos recusar a fazer a menos que, e até que, eles nos façam passar novamente pelas torturas. Nós merecemos dormir à noite. Merecemos, pelo menos, ter a satisfação de que estamos executando a duras custas as ordens de nosso comandante. Dê-nos a lista; pelo que seremos torturados?

Esse foi o primeiro passo para reclamarmos o que era nosso por direito. Epicteto disse: *o juiz fará algumas coisas a ti que são tidas como aterrorizantes; mas como ele pode te impedir de receber o castigo com o qual ele te ameaçou?* Esse é o meu tipo de Estoicismo. Você tem o direito de fazê-los te ferirem, e eles não gostam de fazer isso. Quando foi solto, meu companheiro de prisão, Ev Alvarez, contou-me que o comissário da prisão disse: “Vocês americanos não são nada parecidos com os franceses; nós poderíamos considera-los razoáveis”.

Eu refleti muito sobre quais deveriam ser minhas primeiras ordens. Deveriam ser ordens que poderiam ser obedecidas, não uma medida covarde para se safar de modo a reiterar alguma ordem do governo dos Estados Unidos como *nome, posto, número de identificação e data de nascimento*, que não podia ser mantida numa sala de tortura. Minha opinião era de que *neste lugar, nós, sob a mira de uma arma, somos os peritos, os senhores de nosso destino. Ignorem os ecos dos decretos e os indutores de culpa, desfaçam-se dos manuais e escrevam os seus próprios*. Minhas ordens saiam como acrônimos fáceis de serem lembrados. A principal era “BACK US”. Não prestar

continência (Bow) em público; ficar fora do ar (Air); não admitir crimes (Crimes); nunca se despedir deles (never Kiss them goodbye). “US” (nós) poderia ser interpretado como Estados Unidos, mas realmente significava que cada um de nós tinha que trabalhar em favor do menor denominador comum, nunca negociando em favor de si mesmo, e sim em favor de todos.

A vida na prisão se tornou uma louca mistura de um regime velho e um novo. O velho era a rotina política da prisão, principalmente para dissidentes e inimigos domésticos do estado. Esse regime foi projetado e posto em prática por comunistas antiquados do Terceiro Mundo do talhe de Ho Chi Min. Ele girava em torno da cadeia de *arrependimento* pelos *crimes* por comportamento antissocial. Prisioneiros americanos, criminosos de rua e inimigos políticos domésticos do estado estavam todos na mesma prisão. Nunca vimos um campo de prisioneiros de guerra, como nos programas de TV. A prisão comunista era um misto de clínica psiquiátrica e reformatório escolar. O protocolo norte-vietnamita criado para fazer com que todos os internos demonstrassem vergonha – curvando-se diante de todos os guardas, de cabeças baixas, nunca olhando para o céu. Significava frequentes sessões com o seu interrogador, caso não houvesse outra razão, para verificar sua atitude. E se fosse considerada *errada*, então, talvez, deitado na mesa de tortura para a confissão de culpa, para o pedido de perdão, e então o inevitável desfecho da expiação de culpa.

O novo regime, imposto sobre o anterior, era somente para norte-americanos. Era uma fábrica de propaganda, supervisionada por jovens oficiais burocratas do exército, fluentes em inglês, com cotas para alcançar, estabelecidas pelo braço político do governo: entrevistas impressas, com visitantes norte-americanos de esquerda, filmes de propaganda para veicular (estrelando pessoas intimidadas que eles chamavam de *piratas aéreos americanos*) e assim por diante.

Uma história resumida de como cheirava filosoficamente essa prisão bifurcada é que as filmagens de propaganda e as entrevistas começaram a se voltar contra eles. Inteligentes universitários norte-americanos estavam interpretando seus papéis com frases de duplo sentido, gestos ao mesmo tempo engraçados e obscenos para o público ocidental, e piadas. Um dos meus melhores amigos, torturado para dar nomes de pilotos que ele sabia que voltaram suas asas em oposição à guerra, disse que eram apenas dois: os tenentes Clark Kent e Ben Casey. Isso foi para a primeira página do San Diego Union, e alguém enviou uma cópia de volta para o governo de Hanói. Como resultado daquele gesto amigável dos companheiros norte-americanos, Nels Tanner passou três

dias sucessivos sob a tortura das cordas, seguidos por cento e vinte três dias com as pernas algemadas, em isolamento, é claro.

Então, depois de várias dessas peripécias, que custaram aos vietnamitas muitos embaraços, o Vietnã do Norte resolveu fazer suas propagandas com apenas uma parcela relativamente pequena de americanos que eles podiam confiar não estarem interpretando, que, por diferentes razões, nunca se uniram à organização dos prisioneiros, que nunca desejaram entrar em nossa rede de código, conhecidos infelizes a quem começamos a chamar de *pelegos*. A grande massa dos outros norte-americanos em Hanói era, sob todos os aspectos, de *honrados prisioneiros*, mas isso não é o mesmo que dizer que havia algo como um regime homogêneo de prisão que todos nós compartilhávamos. As pessoas gostam de pensar que, porque estávamos todos no sistema prisional de Hanói, tínhamos experiências comuns. Não é assim. Esses diferentes regimes se fizeram notar quando nossa organização prisional ridicularizou a tentativa de propaganda desse monstro de duas cabeças que eles chamavam de *Autoridade Prisional*. Os norte-vietnamitas se voltaram em vingança contra a liderança de minha organização e em favor de um esforço para quebrar o moral dos outros usando como isca um programa de anistia no qual eles competiriam para serem libertados mais cedo através da submissão aos desejos dos norte-vietnamitas.

Ao “Lugar Escuro”

Em maio de 1967, o sistema PA da prisão bradou: *Aqueles de vocês que se arreperderem, que realmente se arreperderem, estarão aptos para ir para casa antes que a guerra acabe. Aqueles poucos duros de matar que insistem em incitar os outros criminosos a se oporem à autoridade do campo serão enviados para um lugar escuro especial*. Imediatamente ordenei a proibição de que qualquer norte-americano aceitasse libertação antecipada, mas isso não quer dizer que eu era o único homem a pensar dessa maneira. Minha ordem foi aceita com evidente alívio e espontâneo júbilo pela esmagadora maioria.

Adivinhem quem foi para o lugar escuro? Eles isolaram minha equipe de liderança – eu e meu grupo de elite de dez homens – e enviaram-nos para o exílio. Os vietnamitas deram um duro danado para entender nossos hábitos, e sabiam quem eram os causadores de problema e quem não criava qualquer caso. Eles isolaram aqueles que eu mais confiava: aqueles com um longo registro de solitária e as marcas das cordas.

Nem todos eram veteranos. Um dos meus dez tinha apenas vinte e quatro anos – nasceu quando eu já estava na marinha. Ele era um produto de minhas recentes tendências no comando de bordo: *quando os instintos e a patente estão fora de sintonia, tome o cara pelos instintos*. Todos nós estivemos por muito tempo na solitária, começando com dois anos de pernas algemadas em uma pequena prisão de alta segurança bem ao lado do “Pentágono” do Vietnã do Norte – seu ministério de defesa, uma típica construção francesa antiga. Há capítulos e mais capítulos depois disso, mas, no meu caso, eles eram uma luta tensa por vingança entre a *Autoridade Prisional* e aqueles de nós que se recusavam a deixar de tentar ser nossos irmãos guardiões. As apostas cresceram a proporções de alquebrar os nervos. Um, dos onze de nós, morreu naquela pequena prisão que chamávamos de “Alcatraz”. Não havia um homem que estivesse ferido com menos que três anos e meio de solitária, e quatro de nós tinham mais de quatro anos.

Howie Rutledge, um dos quatro de nós com mais de quatro anos, voltou aos estudos e conquistou um mestrado depois de voltarmos para casa. Sua tese se concentrava na questão de se a vontade humana era dobrada com mais eficácia por tortura ou isolamento. Ele enviou questionários para nós (que tínhamos sido torturados nas cordas pelo menos dez vezes), e outros com registro de abusos prisionais extremos. Ele descobriu que aqueles que tinham menos de dois anos de isolamento e muitos de tortura disseram que a tortura era o meio; aqueles com mais de dez anos de isolamento e muitos de tortura disseram que, para a grande modificação do comportamento humano, o isolamento era o modo de proceder. No meu ponto de vista, você pode se acostumar à repetida tortura das cordas – existem alguns truques para minimizar suas perdas nesse jogo. Mas mantenha um homem, mesmo um com muita força de vontade, em isolamento por três anos ou mais, e ele começa a buscar um amigo, qualquer amigo, sem levar em conta a nacionalidade ou a ideologia.

Epicteto, uma vez, deu uma aula em sua escola queixando-se da tendência comum dos novos professores em suavizar o rígido realismo dos desafios do estoicismo em favor de dar aos estudantes uma enaltecida e rósea imagem de como eles poderiam cumprir as duras exigências da vida de modo indolor. Epicteto disse: *Homens, a sala de aula do filósofo é um hospital; os estudantes devem caminhar por ela não com prazer, mas sofrendo*. Se a sala de aula de Epicteto era um hospital, minha prisão era um laboratório – um laboratório comportamental humano. Eu escolhi testar seus postulados contra as exigências da vida real de meu laboratório.

Não estou falando de lavagem cerebral; não existe tal coisa. Estou falando sobre ter olhado sobre a borda e ter visto o fundo do precipício, e ter descoberto a verdade deste fundamento do pensamento Estoico: que o que derruba o homem não é a dor, mas a vergonha!

Por que tais homens, no *banho frio*, após sua primeira viagem pela experiência das torturas, consumiram seus corações e sentiram-se tão indignos quando o primeiro americano entrou em contato com eles? Epicteto conhecia bem a natureza humana. Naquele laboratório prisional, eu não soube de um único caso no qual um homem foi capaz de aplacar suas dores de consciência com alguma teoria popular de psicologia de causa e efeito. Epicteto enfatizou o momento e novamente o fato de que um homem que permite que as causas de suas ações sejam terceiros ou forças externas não está a altura de si mesmo. Ele deve conviver com os próprios juízos se quer ser honesto consigo mesmo. *Mas se uma pessoa me submete ao medo da morte, ele me coage*, diz o aluno. *Não*, diz Epicteto, *nem a morte, nem o exílio, nem o sofrimento, nem quaisquer dessas coisas é causa de estar fazendo ou não alguma coisa, mas apenas suas opiniões e as decisões de sua vontade.*

Qual é o fruto de tuas doutrinas?, perguntou alguém a Epicteto. *A tranquilidade, a intrepidez e a liberdade*, ele respondeu. Vocês podem ter isso apenas se forem honestos e tomarem a responsabilidade de suas ações. Vocês têm de compreender isso retamente! Vocês estão no comando de si mesmos.

Na prisão, nunca preconizei ou mencionei uma só vez o estoicismo. Você logo percebe que se o cara da sala vizinha está indo bem, isso significa que ele tem suas próprias inclinações filosóficas. Mas alguns sujeitos mais agudos leram os sinais em minhas ações. Depois de um dos meus longos isolamentos fora do bloco de celas da prisão, fui levado de volta ao alcance de nossa rede de comunicação, e meu ponto de contato foi um homem chamado Dave Hatcher. Como era o procedimento padrão num primeiro contato após um longo período de isolamento, não começamos a conversa com golfadas de notícias, mas com um acordo sobre os sinais de alarme e, em segundo lugar, estabelecendo uma história para cada um de nós, caso fôssemos pegos e, em terceiro lugar, estabelecendo um sistema de comunicação alternativo caso aquele vínculo fosse comprometido – precauções de um *prisioneiro movendo-se lentamente*. O sistema alternativo de comunicação de Hatcher comigo era uma mensagem deixada em uma pia velha, perto de um lugar que chamávamos a Mina, a ala do bloco de celas de isolamento que Hatcher chamava de “Las vegas” – um lugar para o qual ele com razão achava que

eu iria em breve. Todos os dias trocávamos sinais por quinze minutos sobre um muro entre seu bloco de celas e minha *terra de ninguém*.

Tentar partir

Então voltei a me encenar. Naquele momento, o comissário de prisões tinha me isolado e me colocado sob vigilância quase constante por um ano, já que eu encenei uma revolta em Alcatraz para que nos tirassem as algemas das pernas. Eu fui isolado de todos os prisioneiros. Eu tinha guardas especiais, e eles me pegaram com uma mensagem antiga que dava evidências de que eu sabia o que os interrogadores explorariam sob tortura. O resultado seria implicar meus amigos em *atividades obscuras*, como os norte-vietnamitas as chamavam. Estive sob aquelas cordas mais de doze vezes, e sabia que eu podia reter informação – na medida em que eles não soubessem disso. Mas essa mensagem abriria portas para que mais pessoas morressem naquele lugar. Tínhamos perdido uns poucos nas grandes expiações – em torturas que se excederam, acho – e eu estava ficando cansado disso. Era outono de 1969. E eu estive cumprindo esse papel por quatro anos, e nada via restando para mim a fazer senão partir. Eu estava só na sala principal de tortura numa parte isolada da prisão, na noite anterior ao que eles disseram que seria meu dia para vomitar minhas entranhas. Havia um clima misterioso na prisão. Ho Chi Min havia morrido e um canto fúnebre especial estava no ar. Eu devia ficar a noite inteira sentado sobre grilhões de ferro. Minha cadeia estava próxima à única janela com vidro da prisão. Consegui me mover e quebrar a janela furtivamente. Lancei as artérias de meu pulso contra os grandes estilhaços. Eu havia apagado a luz, mas aconteceu de a patrulha de guarda me encontrar desacordado em uma poça de sangue ainda respirando.

Os vietnamitas foram ao quartel general, chamaram o médico, e me salvaram. Por quê? Não foi senão depois de ter sido libertado anos depois que entendi que, naquela mesma semana, minha esposa, Sybil, estava em Paris exigindo tratamento humano para os prisioneiros. Ela era notícia no mundo todo, uma figura pública, e a última coisa que os norte-vietnamitas precisavam era de que eu estivesse morto. Houve uma multidão solene de altos oficiais norte-vietnamitas naquela sala, enquanto eu era reanimado. A tortura na prisão, como nós soubemos, em Hanói, terminou para todos naquela noite. Isso foi, é claro, meses antes que pudéssemos estar certos do fato. Tudo

que eu sabia no momento era que, naquela manhã, depois de meus braços terem sido cobertos e enfaixados, o próprio comissário trouxe uma xícara de ótimo chá quente, disse ao guarda para retirar as algemas de minhas pernas, e pediu-me para sentar à mesa com ele “Por que você faz isso, Sto-dale? Você sabe que eu sento com os generais do exército; eles pediram um relatório completo esta manhã.” (não era incomum para nós falarmos assim naquele tempo). Mas ele nunca mencionou a mensagem, nem qualquer pessoa depois disso. Aquilo foi algo sem precedentes. Depois de dois meses isolado em uma minúscula cela, que chamávamos “Calcutá”, para que meus braços sarassem, eles me vendaram e me levaram direto à “Las Vegas”. O isolamento e a vigilância especial terminaram. Fui colocado só, é claro, na *Mina*.

Dave Hatcher soube que eu estava de volta porque eu passei sob sua janela, e embora ele não pudesse espiar, podia ouvir, e através dos anos acostumou seus ouvidos às “assinaturas” dos meus passos, meu modo manco de andar. Depressa o bastante, um fio enferrujado no fundo da garrafa debaixo da pia do lavatório estava virado para o norte – o sinal de Dave Hatcher para “nota na garrafa sob a pia para Stockdale.” Como um velho piloto de combate, olhei em volta, olhei rapidamente a mensagem e cuidadosamente a escondi em minhas calças do pijama prisional. De volta à minha cela, sentei no vaso sanitário do meu banheiro – onde eu poderia disfarçadamente jogar a mensagem se o orifício de observação da porta da cela se movesse – e desdobrei a folha de papel toalha de baixa qualidade, de Hatcher, sobre o qual ele, com excrementos de rato, havia escrito, sem comentário ou assinatura, o último verso do poema de Ernest Henley, *Invictus*:

Não importa quão estreito seja o portão,
 Quão carregado de punição a sentença,
 Eu sou o mestre de meu destino:
 Eu sou o comandante de minha alma.